

O ENSINO RELIGIOSO E A CONVERGÊNCIA DOS SABERES DE WILLIAM JAMES E SÉRGIO JUNQUEIRA

Ana Cláudia Fróes Maia¹
Valéria da Silva Trajano²

RESUMO

O ensino religioso está inserido na educação brasileira desde a colonização do país e sua trajetória, assim como sua permanência é até o presente momento muito polêmico. Há autores que defendem a sua permanência e importância na matriz curricular da educação básica e outros que são veementemente contra. Neste estudo apresentamos a ótica de dois autores sobre a importância das manifestações religiosas, sendo um na ótica dos saberes científicos e o outro dos saberes religiosos. Os autores são William James e Sérgio Junqueira. Nosso objetivo foi compreender as ligações entre esses diferentes saberes na ótica desses autores. A pesquisa é de cunho qualitativo e caráter bibliográfico. Como resultado, evidenciamos que ambos, apesar de apresentarem óticas diferentes reconhecem o valor da experiência religiosa na mudança do comportamento humano e no desenvolvimento do “eu interior”. Contudo, deixam claro que os valores gerados são individuais e independem do credo religioso. Logo, podemos concluir que o ensino religioso na educação básica, seja em instituição pública ou privada necessita fomentar nos estudantes a criticidade, uma postura dialógica, de alteridade, onde o proselitismo não floresça.

Palavras-chave: Ensino, Religião, Ciência, Ensino Religioso.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, ainda, existe o questionamento se o fenômeno religioso estaria presente em todas as civilizações. No entanto, apenas podemos afirmar que encontramos registros de manifestações religiosas em todas as civilizações já documentadas. Logo não podemos negar o poder de influência da religião na constituição da subjetividade do homem, e conseqüentemente, da relevância da dimensão espiritual para a pessoa. (PAIVA, 2009).

Os estudos sobre religiosidade e ou espiritualidade são inúmeros, tanto no Brasil como no mundo e abarcam diferentes áreas (PAIVA, 2009). Dentre eles estão os estudos de William James, que era médico e psicólogo e de Sérgio Junqueira, pedagogo

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação Em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ – RJ e Docente de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro - RJ anaclaudiamaiia296@gmail.com

² Doutora em Ciências. Docente de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Estado Rio de Janeiro – RJ e Docente do Programa de Pós-Graduação Em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz - RJ, vlrtrajano@gmail.com

de formação, que dedica parte de suas produções acadêmicas ao estudo do Ensino Religioso no Brasil. O primeiro viveu entre os séculos XIX/ XX, e foi um dos fundadores do pragmatismo e o segundo vive no presente século. As áreas de estudo de ambos os autores, são ainda hoje, áreas que apresentam um grande interesse nos saberes da ciência e nos saberes religiosos. Ambos se preocuparam em não negligenciar os aspectos históricos, culturais e sociológicos que envolvem a experiência religiosa (PAIVA, 2009).

Neste estudo dialogaremos com esses dois autores e pesquisadores importantes da área: William James (1901) e Sérgio Junqueira (2021) ambos apresentam uma trajetória no campo religioso, com olhares diferenciados, que com certeza podem iluminar nossas reflexões sobre religião e ciência e experiências religiosas. Dessa forma, objetivamos compreender as ligações entre esses diferentes saberes na ótica desses autores.

METODOLOGIA

Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica, reunindo assim, neste trabalho, parte dos estudos que ambos os autores fizeram sobre as experiências religiosas e olhar da ciência sobre as mesmas. Segundo Fonseca (2002, p. 32) que trata sobre a pesquisa bibliográfica, esta que se caracteriza pelo levantamento de publicações como livros e artigos científicos.

Um dos autores trata do fenômeno religioso propriamente dito, enquanto o outro se dedica ao ensino, e em especial, ao componente Ensino Religioso. O estreitamento desses autores nos aponta para uma compreensão maior e mais clara sobre a dimensão da religiosidade diante do homem. Inicialmente, apresentaremos a vida e a obra do Professor Sérgio Junqueira, que ainda hoje, dedica-se aos estudos da religião, em especial ao Ensino Religioso, componente curricular que tem como objeto de estudo as manifestações religiosas ao longo da história humana. E em seguida, apresentaremos a teoria de William James quanto à importância das experiências religiosas na vida do homem.

Sérgio Junqueira dedica-se aos estudos da religião, educação e ciências da religião. Ele, assim como outros estudiosos, acredita que o ser humano tem uma incrível capacidade de criar e recriar ao longo da vida e do tempo, sendo um agente

transformador com forças para ampliar limites por meio do conhecimento. E o acesso à educação, em suas diferentes modalidades, é fundamental para a formação integral do ser humano, pois fortalece a sua autonomia e cidadania. Assim como o qualifica para que se torne capaz de desenvolver respostas adequadas e esperadas diante das questões que a vida apresenta cotidianamente (JUNQUEIRA, 2008). William James fez, ainda no século XIX, uso de métodos de investigação em temas filosóficos e religiosos, tais como a imortalidade da alma, a existência de Deus e o livre arbítrio, faleceu em 26 de agosto de 1910.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na visão do teórico Sérgio Junqueira, o Ensino Religioso foi um recurso político e de colonização utilizado pelos portugueses através da proposta educativa dos jesuítas no período Brasil colônia. Ainda, em 1827, o Império declara que o ensino da doutrina, costumes e crenças religiosas seria um dos propósitos da escola, obtendo a mesma importância que a leitura, a escrita e o aprendizado das quatro operações. Com o passar dos anos resistindo às mudanças e exigências dos novos tempos, em 1931, era exigido que em todos os currículos de escolas públicas, o Ensino Religioso, fosse reintroduzido, e está presente na educação básica até os nossos dias (JUNQUEIRA, 2015). Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a disciplina de Ensino Religioso ocupa um espaço importante no campo da educação.

Portanto, conhecer a trajetória do Ensino Religioso, significa percorrer a história da educação no Brasil. Para entender como o Ensino Religioso tornou-se área de conhecimento é necessária uma longa jornada de estudos, que nos remonta ao tempo do Brasil Colônia. Neste trataremos de questões que por muito tempo fizeram morada na consciência dos que estavam envolvidos com o campo da educação. O que ensinar na disciplina de Ensino Religioso? Como ensinar? Por qual motivo este ou aquele conteúdo teria relevância na formação do estudante? Qual seria o espaço do Ensino Religioso na educação nacional? (JUNQUEIRA, 2015).

Atualmente, o Ensino Religioso tem como diretriz, promover o diálogo intercultural e inter-religioso, garantindo o respeito à diversidade. Como um marco estruturado de leitura e interpretação da realidade, o Ensino Religioso pode ser

considerado uma área de conhecimento relevante na formação integral do estudante. (JUNQUEIRA, 2013).

Junqueira (2015) considera importante compreender o elemento central da disciplina de Ensino Religioso, que apesar de não se enquadrar em uma ciência de referência, por natureza, transita em diversos saberes. Defende um olhar regionalizado, considerando que a identidade cultural do estudante deve ser preservada, e que esta identidade se constrói em um espaço geográfico, onde o território revela seus ritos e suas crenças. Principalmente, em um país com proporções geográficas gigantes como o Brasil. (JUNQUEIRA, 2015). O Ensino Religioso, assim como as outras disciplinas, não deve atuar de forma isolada, mas estabelecendo diálogos com as demais disciplinas, adotando assim, uma metodologia pautada na transdisciplinaridade. (JUNQUEIRA, 2013).

Na escola e na vida, estamos diante de um ser humano que se questiona que não se conforma com injustiças, que sonha com um mundo melhor, que é curioso, que deseja aprender, que é questionador por natureza. Portanto, devemos oferecer a esse estudante a oportunidade de desenvolver seu raciocínio crítico. Ele não deve ser tratado unicamente como um ser racional, importante que se desenvolva ações voltadas para o conhecimento de si, do outro e do mundo, que também é uma das metas da educação do século XXI, traçada pela UNESCO (DELORES, 2010). Dessa forma, possibilita múltiplas relações, e conseqüentemente aprendizados mais significativos, que servem de parâmetros para tomadas de decisões. Olhar o outro é enxergar que existem outras formas de ver e agir no mundo, é também uma forma de produzir diálogo e respeito pelo diferente. Um conteúdo atitudinal caro para o Ensino Religioso (JUNQUEIRA, 2013).

De acordo com os estudos de Junqueira, o Ensino Religioso é um componente escolar que considera e, portanto, reconhece todas as dimensões humanas, mas, na perspectiva da área de conhecimento, dedica-se aos estudos da dimensão religiosa do homem. E tem como fim último fazer uma leitura do fenômeno religioso, que é também o objeto de estudo da disciplina. (JUNQUEIRA, 2015).

Com a homologação da BNCC em 2017, a educação infantil e o Ensino Fundamental, passam a ter uma nova área de conhecimento, que é o Ensino Religioso, estes segmentos, recebem orientações quanto às competências e habilidades que devem ser trabalhadas e as atitudes que são almeçadas, a partir, do trabalho realizado na

disciplina. Uma das muitas expectativas é que a disciplina de Ensino Religioso contribua com a cultura da paz, estabeleça a prática do diálogo entre as diferenças. Que tenha a capacidade de provocar novas descobertas e compreender jeitos e modos de vida que partem de cosmovisões distintas (JUNQUEIRA, 2015).

A educação é capaz de abrir inúmeras possibilidades, como construir uma relação menos bélica, onde a reflexão ocupe um espaço maior a cada dia. Assim, como é função do Ensino Religioso prezar pela valorização da vida, pelo respeito e manutenção dos direitos humanos, pelo reconhecimento das inúmeras formas de expressão cultural e pela construção de um mundo mais fraterno, onde o diálogo possa conduzir nossas decisões e o conhecimento possa iluminar nossas atitudes (JUNQUEIRA, 2013).

Logo, é importante estabelecermos uma relação entre o que o autor acredita e entende por Ensino Religioso e o que indica a BNCC quanto às competências específicas da disciplina para, até então, o ensino fundamental. Para assegurar as aprendizagens tidas como essenciais é necessário dedicação e aprofundamento em temas caros para esse componente curricular, como por exemplo: (i) aproximarem-se de diferentes culturas, movimentos e tradições filosóficas e religiosas, utilizando a lente dos estudos científicos. Para Junqueira a aproximação da cultura valoriza e nos aprofundam nos sistemas simbólicos de uma comunidade, estes que representam a realidade, construindo uma ordenação e uma interpretação do mundo real; (ii) prezar pela valorização e o respeito às diversas manifestações religiosas e filosóficas. Segundo Junqueira, é uma condição necessária, visto que, a organização e manutenção deste componente curricular exige a compreensão dos diferentes saberes em múltiplos contextos; (iii) o cuidado de si, do outro e da natureza, espera-se que o educador procure ser o mais amplo possível e contemple a construção de um ser integrado com todas as suas dimensões e relações. Consciente de que a aprendizagem ocorre muito antes da chegada do estudante a um espaço formal de ensino. Visto que ela vem sendo construída ao longo da existência humana, a partir das relações consigo, com o outro e com a natureza; (iv) a disciplina, fomenta o convívio com a diversidade, transformando o modo de ser e viver no mundo, posto que, a história da humanidade é profundamente marcada pela identidade do sujeito, como este vê o mundo, através das expressões de cultura como o mito, a literatura, a política, a religião, a filosofia. Estas são capazes de alterar e/ou manter a convivência de um povo. Assim tem sido com os judeus, cristãos,

muçulmanos, hindus, religiões de matrizes africanas e tantas outras expressões de fé já identificadas ao longo da civilização humana; (v) Aproximar os saberes das tradições religiosas, da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, do meio ambiente e das tecnologias é relevante para o Ensino Religioso, visto que, o mesmo espera que o educando seja capaz de tomar decisões precisas diante das questões que a vida apresenta. Assim como dar respostas inteligentes e eficazes, a partir de uma compreensão de mundo ampla e solidária, para as necessidades humanas; (vi) propõe um responsável debate em torno de temas caros para o progresso e as conquistas humanitárias do século XXI.

A escola é um lugar privilegiado, por isso deve ser bem cuidada e valorizada, para que os debates e os acordos sociais sejam realizados. Visto que, educar implica uma intencionalidade, cabe ao educador buscar um aprimoramento de seus objetivos constantemente. Portanto, deve trazer em si um intuito de formar pessoas e motivá-las a um pensamento crítico, com capacidade de analisar problemas e iniciativas que busquem solucionar os desafios que surgem ao longo da vida. (JUNQUEIRA, 2013, 2015).

Após uma breve escrita que tratou sobre o pensamento do Professor Sérgio Junqueira, referente ao Componente Curricular Ensino Religioso e sua trajetória no campo da educação, apresentaremos agora de forma também sucinta as contribuições do Psicólogo e Filósofo William James sobre o fenômeno religioso. William James nasceu em 11 de janeiro de 1842, portanto no século XIX, em Nova Iorque, nos EUA. Inicialmente teve interesse no estudo das artes, mas logo depois desistiu e entrou para Escola Médica de Harvard, na qual foi professor de psicologia e filosofia, exercendo a profissão até 1907. William James fez uso de seus métodos de investigação em temas filosóficos e religiosos, tais como a imortalidade da alma, a existência de Deus e o livre arbítrio, faleceu em 26 de agosto de 1910.

Entretanto, ainda hoje, no séc. XXI muitos estudos acadêmicos, ainda, são iluminados por suas pesquisas e por suas teorias (WALTER & RESENDE, 2018; FREITAS & HOLANDA, 2014; GARCIA, 2010; LOUREIRO, 2007). James foi convidado a participar de importantes conferências na Universidade de Aberdeen em 1901, na oportunidade, escreveu uma série de 20 conferências, estas deram origem ao importante livro: *As Variedades da Experiência Religiosa*. Nas conferências, William James dedicou-se ao fenômeno religioso. Ele procurou estudar as grandes

personalidades no campo das religiões, aqueles que se destacaram em suas práticas místicas (LOUCEIRO, 2007). Estes serviram para fundar e dar forma às práticas de relação com o Sagrado. Aos outros James chamava de crentes de segunda mão (os que não possuíam acesso imediato com Deus).

William James foi um dos primeiros estudiosos do tema da religião, fora do campo teológico. Com o seu livro: *As Variedades da Experiência Religiosa* apresentou aos leitores suas ideias sobre as experiências de conversão, e os processos de mudança que os sucedem, onde o sujeito que se converte passa de “*dividido, conscientemente errado, inferior e infeliz,*” para um sujeito “*unificado, conscientemente certo, superior e feliz*” essa mudança aconteceria por conta da nova realidade religiosa (JAMES, 1902/1995, p.126).

O referido autor não demonstrou preocupação em justificar a fé a partir dos impulsos biológicos ou de concepção primária, quis dedicar-se a uma busca iluminada pela abordagem pragmática e empirista. Não acreditava que a justificativa do fenômeno trouxesse em si o significado do mesmo. E, em momento algum, exclui a possibilidade da existência de Deus. Por isso, apesar da grande admiração que William James tinha pelos trabalhos de Sigmund Freud, por acreditar que estes trariam grandes contribuições sobre a natureza do homem. James posicionou-se de forma diferente no tema da religião, discordava da ortodoxia de Freud (WALTER & RESENDE, 2018).

Já em relação a Jung, William James apresentou muita afinidade com os seus escritos, ambos os teóricos concordam sobre a importância do fenômeno religioso para a psique humana, e acreditam que as práticas religiosas produziam um grande bem estar no crente (WALTER & RESENDE, 2018). O estreitamento teórico entre esses autores é claro. Visto que, nas Obras Completas de Carl Gustav Jung encontramos inúmeras referências aos escritos de William James. Os estudos psiquiátricos que Jung realizava foram profundamente influenciados por James, dando uma nova perspectiva para os cuidados e tratamento da doença. Até mesmo o conceito de inconsciente dado por Jung, podemos dizer que existem associações a termos próprios da teoria de William James (WALTER & RESENDE, 2018).

Para James compreender a experiência religiosa e suas consequências era uma necessidade, pois acreditava que a experiência religiosa era, antes de tudo, uma experiência humana. Em seu livro, “*The varieties of religious experience*”, o autor

propôs estudos sobre: a realidade dos eventos tangíveis, a santidade, o misticismo, a relação entre neurologia e religião, entre outros. Além disso, destaca a importância de atrelar aos estudos do comportamento humano a conversão religiosa. O que para ele não deveria estar dissociado. Mesmo entendendo que a conversão religiosa seria um tema muito complexo, que exigiria estudos profundos, e que, lamentavelmente, à época, existia uma escassez de publicações nesta área (FREITAS & HOLANDA, 2014). Ele apresenta dois importantes propósitos para os escritos de seu livro, um deles seria inverter a ordem estabelecida e respeitada até então de valorizar e entender os fenômenos religiosos, a partir da filosofia. James defendeu como fator mais importante e, portanto, fundante das religiões, a experiência. Essa sim era para ele a espinha dorsal da vida religiosa. Outro ponto que defende em seu livro: *As variedades da Experiência Religiosa* é fazer com que o leitor acredite, como ele próprio, na relevância das manifestações religiosas, que, apesar de parecerem absurdas, a vida religiosa, era para James a função mais importante da humanidade (JAMES, 2017).

O autor desejava uma filosofia que estabelecesse uma conexão com a vida, algo como uma via de acesso entre os antagonismos teóricos da época. Os conflitos entre os racionalistas, tido como “*espíritos ternos*” e os empiristas definidos como “*espíritos duros*” o inquietava, ambos sedentos em busca da verdade. Mas James desejava algo que tivesse uma conexão com a vida, e que ao mesmo tempo, fizesse uso das capacidades intelectuais do homem. Uma relação entre as necessidades do homem vista pela ciência e o cultivo dos valores humanos, fomentado pela religião (FREITAS & HOLANDA, 2014).

Diante deste impasse William James apresenta o Pragmatismo: um método que busca interpretar o cotidiano, conceitos ou teorias, estabelecendo consequências empíricas das ideias previstas nas contendas filosóficas. Segundo o Pragmatismo, o pensamento impõe uma regra de ação, um comportamento definido, uma crença ou visão do cosmo que é compartilhada (RESENDE & MELO, 2018; GARCIA, 2010). Em desacordo com os intelectuais religiosos da época que buscavam falar de Deus a partir de raciocínios e não de experiências místicas. James fez dura críticas à teologia sistemática, onde a experiência religiosa estaria atrelada a pensamentos, apropriando-se de métodos racionais e dedutivos e não a sentimentos, o que para ele seria muito mais verdadeiro e útil (FREITAS & HOLANDA, 2014)

Ainda em seu livro: *As variedades da experiência religiosa*, James fez relação entre a religião e aspectos psicológicos. Dessa forma, interessa-se pelos sentimentos religiosos e os impulsos a eles associados, os quais são vivenciados de maneira particular e marcados por uma experiência direta dos sentidos. Em detrimento às instituições religiosas, aos argumentos lógicos, se apoiando somente aos intuitivos (FREITAS & HOLANDA, 2014).

Inúmeras pessoas testemunham a conversão e a mudança de vida após uma experiência religiosa. A conversão é entendida por William James como um elemento fundamental no processo de ressignificação da subjetividade (FREITAS & HOLANDA, 2014). Segundo James (1902, p. 39) a experiência religiosa era, antes de tudo, uma experiência humana.

Nesse cenário, consideramos importante compreender o significado de pragmatismo para William James, William James, defende a corrente filosófica que dá valor à verdade a partir de sua utilidade social. Não é propriamente uma corrente filosófica, mas um jeito de pensar, uma forma de valorizar e exaltar a utilidade da verdade construída. A palavra em si, *pragmatismo*, provém do grego, que traz em si a ideia de pragma, que significa ação. Esta provoca imediatamente uma mudança da realidade (GARCIA, 2010). E foi exatamente esta ideia que iluminou os estudos de William James na pesquisa sobre religião e também na redação do livro: *As variedades da experiência religiosa*, que foi redigido de forma claramente pragmática. Em termos gerais, os pontos de partida do Pragmatismo podem ser pensados nas seguintes ideias: (i) defender e acreditar no que funciona concretamente para cada um em sua vida particular. (ii) considerar o que satisfatório verdadeiro e que confluem no mesmo lugar, não existindo assim uma verdade objetiva, mas interesses subjetivos que nos movem. (iii) considerar o conhecimento um conjunto de verdades subjetivas. (iv) o homem guia suas atividades, mediante acordos internos que lhe trazem benefícios. (v) capacidade de agir de forma reflexiva e intelectual. (vi) as ações e fins definem o eixo que sustenta as ações. (vii) o conhecimento atua diretamente no que o homem pode ou quer fazer. (viii) caracterizar o pragmatismo. (ix) entender a dinâmica da ciência que busca incansavelmente por teorias que a sustentem mantendo assim uma relação indireta com a ação. (x) pensar o efeito de uma ideia, considerando que a utilidade pública de uma verdade.

Estes foram os pontos principais que William James utilizou para entender o movimento religioso. (JAMES, 2017). Compreendemos que na vida religiosa, as experiências místicas tratam de algo que não podemos contemplar com os nossos olhos, mas que, apesar desta limitação, exerce uma forte influência na existência. Sobre o “*Invisível*”, James também trata em seu livro, da existência de uma dimensão invisível, e que o nosso bem estar, a nossa alegria nesta vida seria nos adequarmos a essa ordem, ou ao menos ajustarmos nossos interesses a esta ordem invisível é entusiasmante. William James (2017) acreditava que as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais e as religiosas são objetos de nossa consciência, ou seja, aquilo que acreditamos existir real ou idealmente, que podem estar presentes nos nossos sentidos, ou apenas no nosso pensamento. Quando o caso é religião, os deuses, são o que temos de mais concretos, mas também alguns outros elementos exercem imensa influência, como a caridade, a justiça, o amor, a santidade e tantos outros. Todos esses objetos, mesmo estando na arena da invisibilidade e não podendo ser experimentado no campo do sensorial exercem uma grande força na humanidade.

Com isso, compreendemos que a experiência mística pode e deve ser valorizada, pois, apesar de atuar no campo da invisibilidade, ela é um fenômeno real, no sentido de que o seu simbolismo atua diretamente em atitudes e também tem como função evocar muitos sentimentos (JAMES, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante tudo que foi exposto anteriormente sobre o pensamento destes dois grandes autores, apesar de estarem separados por aproximadamente 120 anos e escreverem em espaços geográficos e culturas completamente diferentes, possuem muito em comum. Ambos apresentam interesses nos estudos referentes ao fenômeno religioso, um fenômeno que para eles deve ser considerado relevante na vida do homem. Visto que, acreditam que a religião é em potencial, doadora de sentido, capaz de dar segurança e esperança ao ser humano.

A experiência religiosa é carregada de significados, valores e sentidos individuais. Portanto, deve ser valorizada e tratada com respeito, considerando a liberdade humana de buscar respostas nas mais diversas expressões religiosas, sanando assim, ou ao menos, mitigando suas questões existências. Ambos os autores defendem

que este saber, o saber religioso, deve ser vivido em sua plenitude. Que nenhum homem ou mulher deve esquivar-se da experiência religiosa. O que para William James é considerado o ponto principal da vida humana. Considerando que a humanidade é marcada por inúmeras expressões de fé e de culto, este saber deve ser compartilhado. Com o intuito de fortalecer o respeito à diversidade e fomentar cada vez mais a capacidade de diálogo daqueles que tem a oportunidade de conviver com os que pensam de forma distinta.

Logo, o universo escolar pode ser capaz de favorecer uma compreensão maior e melhor do mundo no qual estamos inseridos, deve assim, ser um lugar de diálogo, de partilha e de crescimento, onde as experiências podem ser ditas e trocadas. Onde as diferenças não sejam motivo de distanciamento e intolerância, que provocam uma postura bélica diante do outro. Mas, ao contrário, espaço de acolhimento e encantamento, onde os saberes podem ser ensinados e aprendidos sem que se modifique a identidade religiosa do outro. Espaço de reflexões, abrangendo e respeitando as idiossincrasias presentes nos diferentes credos religiosos. De acordo com os pensamentos defendidos por James, e não a partir das instituições religiosas, o que constituiria uma prática proselitista, mas um estudo profundo do fenômeno religioso em nossa história. Com respeito à pluralidade das religiões e valorizando os encontros pessoais com o Sagrado.

Dessa forma, a disciplina de Ensino Religioso poderá reconhecer melhor as dimensões humanas, no que se refere à religião, da forma como está explícita no pensamento de Junqueira e que para William James é uma dimensão fundamental para entender a humanidade e suas subjetividades. Por fim, em consonância como os autores podemos afirmar que: a experiência religiosa é valiosa porque exerce inúmeras influências na constituição do sujeito e na sociedade como um todo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16. Ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/ SEMTEC, 1999.

DELORS, J. et al. (Org.). Educação: um tesouro a descobrir: **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília: UNESCO, 2010.

DELORS, J. Os quatro pilares da educação. In: DELORS, Jacques et al. (Org.). Educação: um tesouro a descobrir: **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília: UNESCO, 2010.

DUPRET, L. **Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea**. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/qN7SbH7nMvtdmg7qvtcJLL/?lang=pt> Acesso em: 27 set. 2021.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, H, HOLANDA, A.F. Conversão religiosa: buscando significados na religião. 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000100009 Acesso em 25 set. 2021

GARCIA, M.R. As contribuições do pragmatismo de William James e da fenomenologia social de Alfred Schütz à Comunicação. **Matrizes**, 3(2) 2010.

HOLANDA, S. F. **O discurso em narrativas de vida hierofânicas: construção do ethos em testemunhos de evangélicos pentecostais**. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/55016> 2020. Acesso em: 20 set. 2021.

JAMES, W. As Variedades da Experiência Religiosas. São Paulo, **Cultrix**, 2017.

JUNQUEIRA, S. R. A. O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil. Petrópolis, **Voices**, 2002.

JUNQUEIRA, S. R. A. Fundamentando pedagogicamente o Ensino Religioso. Curitiba, **Ed. Intersaberes**, 2013

JUNQUEIRA, S.R.A. História, legislação e fundamentos do Ensino Religioso. Curitiba, **Ed. IBPEX** , 2008.

JUNQUEIRA, S. R. A. Ensino Religioso no Brasil. Florianópolis, **Ed. Insular**, 2015.

RESENDE, P.H.C, WALTER, M. William James e Carl Gustav Jung na conferência em Clark: repercussões teóricas. 2018 Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000300013 Acesso em 27 set. 2021.

VALENTE, G. A. Diferentes propostas curriculares para o Ensino Religioso e suas consequências para a laicidade do Estado. Trabalho complementar de curso, **Faculdade de Educação**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VALENTE, G. A. Laicidade, Ensino Religioso e religiosidade na escola pública brasileira: questionamentos e reflexões. **Pro.Posições**. V. 29, N. 1 (86) | jan./abr. 2018.